

# Bioethics & Neuroethics in Global Pandemic Times

---

## Bioética & Neuroética em Tempos de Pandemia Global

Orgs.  
Jair Tauchen  
Nuno Castanheira  
Nythamar de Oliveira



O presente livro reúne, em formato de artigo, parte significativa dos trabalhos apresentados no *V Colóquio Internacional de Bioética*, realizado entre os dias 3 e 6 de novembro de 2020 e subordinado ao tema *Bioética e neuroética em tempos de pandemia global*.

O evento, que conta já com cinco edições, é promovido anualmente pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com o propósito de proporcionar um espaço de debate e de reflexão acerca de questões relacionadas com a bioética e a neuroética, bem como com os desafios que estas colocam na atualidade.

Devido às restrições impostas pela pandemia de Covid-19, esta edição decorreu em formato online, contando mais de 35 comunicações, abrangendo temas tão diversos como as dificuldades enfrentadas na definição dos planos de distribuição e de vacinação contra a Covid-19, dilemas éticos ligados ao uso de biotecnologias para influenciar o comportamento ou questões de justiça social ou de biomelhoramento.



Editora Fundação Fênix



***Bioethics & Neuroethics in Global Pandemic Times***

**Conselho Editorial**

---

**Editor**

Agemir Bavaresco

**Conselho Científico**

Agemir Bavaresco

Evandro Pontel

Jair Inácio Tauchen

Nuno Pereira Castanheira

**Conselho Editorial**

Draiton Gonzaga de Souza

Evandro Pontel

Everton Miguel Maciel

Fabián Ludueña Romandini

Fábio Caprio Leite de Castro

Gabriela Lafetá

Ingo Wolfgang Sarlet

Isis Hochmann de Freitas

Jardel de Carvalho Costa

Jair Inácio Tauchen

Joaquim Clotet

Jozivan Guedes

Lucio Alvaro Marques

Nelson Costa Fossatti

Norman Roland Madarasz

Nythamar de Oliveira

Orci Paulino Bretanha Teixeira

Oneide Perius

Raimundo Rajobac

Ricardo Timm de Souza

Rosemary Sadami Arai Shinkai

Rosalvo Schütz

***Bioethics & Neuroethics in Global Pandemic Times***

(Organizadores)

Jair Tauchen

Nuno Castanheira

Nythamar de Oliveira



Editora Fundação Fênix

Porto Alegre, 2020



Direção editorial: Agemir Bavaresco  
Diagramação: Editora Fundação Fênix  
Capa: Editora Fundação Fênix

O padrão ortográfico, o sistema de citações, as referências bibliográficas, o conteúdo e a revisão de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.

Todas as obras publicadas pela Editora Fundação Fênix estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 –  
[Http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

Este livro foi editado com o apoio financeiro do Ministério das Relações Exteriores da República Federal da Alemanha através do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD).



Sociedade  
Rio-Grandense de  
Bioética

*Série Filosofia – 47*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

TAUCHEN, Jair CASTANHEIRA, Nuno, OLIVEIRA, Nythamar de. (Orgs).

Bioethics & Neuroethics in Global Pandemic Times. TAUCHEN, Jair CASTANHEIRA, Nuno, OLIVEIRA, Nythamar de. (Orgs), Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2020.

348p.

ISBN – 978-65-87424-53-8

 <https://doi.org/10.36592/9786587424538>

Disponível em: <https://www.fundarfenix.com.br>

CDD-100

---

1. Bioética. 2. Neuroética. 3. Pandemia. 4. Filosofia. 5. Medicina.

Índice para catálogo sistemático – Filosofia e disciplinas relacionadas – 100

## 11. TEOLOGIA E COVID-19: A TRANSCENDÊNCIA SE FAZ COVID-19



<https://doi.org/10.36592/9786587424538-11>

Erico Hammes<sup>1</sup>

### Introdução

Depois de oito meses de consciência da Pandemia de Covid-19, todos os setores e todas as dimensões da vida humana elaboram sua relação com a experiência do evento. Do ponto de vista da Bioética, a pergunta colocada por Verónica Anguita (2000) a respeito do dilema da última cama, ou então do último respirador como aparece entre nós, revela a urgência do pensar e do agir social, médica, ética e teologicamente, até porque, na visão da Autora chilena, o princípio do Bem Comum deveria prevenir o esgotamento dos recursos. Na Alemanha, o Comitê Nacional de Ética foi criticado ao expor-se ao recurso do “estado de exceção” (Ausnahmezustand) da *Teologia Política*, de Carl Schmitt. Segundo este autor, no início de sua obra *Teologia política*, “soberano é aquele que decide sobre o estado de exceção”. A crítica feita ao Comitê de Ética, é que este princípio de Schmitt estaria na base da sugestão sair do âmbito legal da relação médico-paciente e submeter a possibilidade de interrupção de tratamento no caso excesso de demanda, em favor de alguém para quem já não haveria mais vaga. A decisão, porém, não caberia a quem de direito, mas a uma comissão especialmente criada em função do “estado de exceção” causado pela pandemia (cf. MANDRY, 2020).

Em sintonia, portanto, com o que acontece em todos os âmbitos da sociedade e das ciências, também a Teologia é afetada pelas questões levantadas com a Covid-19. Por definição vinculada ao pensamento da fé na e a partir da convivência com a Transcendência, a Teologia tem a tarefa de reagir aos conceitos que emergem da vida e de seus problemas buscando sua tradução e crítica para corresponder ao ser humano e à sua autocompreensão.

Nas condições atuais da vida humana, é inevitável abrir o próprio conceito de Transcendência de maneira a dar espaço para que muitas formas de sua articulação sejam possíveis. Como definição preliminar, Transcendência pode ser circunscrita como a alteridade empenhativa da existência concreta do sujeito humano e pode ser

---

<sup>1</sup> Teologia – PUCRS.

experimentada como uma simples interrogação por uma (última) razão de existir e ser, e como expectativa de mais-ser. Sua forma nua, é encontrável no desejo de saúde, bem-estar e sucesso (prosperidade). Antropológica e historicamente, a construção da Transcendência brota de uma abertura para um além de si mesmo ao qual se entrega a superação das próprias fragilidades, sendo verificável uma tendência a esperar a resolução dos próprios limites pela sua simples afirmação. Em termos convencionais, na maioria das sociedades ocidentais, Transcendência, em sentido estrito, é sinônimo de divindade ou Deus e vem sistematizada na experiência religiosa ou na religião. O conteúdo concreto, no entanto, pode aparecer de forma extremamente variável, de acordo com as pré-compreensões ou a carga experiencial e interessada de quem o diz, sujeito a significativas variações mesmo no interior de mesmas religiões ou confissões. Longe de ser um termo unívoco, seu significado depende dos interesses envolvidos, da experiência vivida ou do abuso intencionado. Essa é a razão porque frequentemente vitórias em todas os âmbitos da vida, a começar pelo esporte, à política e à ciência, por um lado, podem ser interpretadas como favor divino, enquanto derrotas, fracassos ou doenças são consideradas castigos de Deus ou dos deuses.

À semelhança do que ocorre em outras áreas do conhecimento, em que a leitura e intervenção na realidade exigem um discurso coerente com os fatos acessíveis, também a afirmação e a compreensão da Transcendência precisam ajustar-se a tradições responsáveis e condizentes com a condição humana. Enquanto nas ciências positivas os fatos acessíveis são os resultados das pesquisas, no caso das religiões, os “fatos acessíveis” são textos ou tradições interpretadas com a ajuda das ciências próprias, classicamente Filosofia, Ciências da Religião e Teologia, mas necessariamente afinadas com as demais ciências. Assim como a Física atual não se condiciona pela compreensão dos gregos, de modo semelhante a relação entre doença e cura hoje, religiosa e teologicamente, não pode ser formulada nos termos em que se dava em 600 AC, ou no século primeiro ou na Idade Média da era cristã. Uma Teologia responsável e um discurso religioso honesto devem levar em conta as opções atualmente disponíveis tanto nas ciências naturais quanto nas ciências humanas para a compreensão da realidade. É injustificável apelar a práticas e mentalidades religiosas ou mágicas incompatíveis com a razão atual para sacralizar eventos como doenças ou terapias.

Dessa introdução seguem as teses a serem propostas aqui diante do desafio da Pandemia do Coronavírus para a Teologia e a Bioética.

## **1 A experiência radical da unidade humana desigual**

À primeira vista a pandemia da Covid-19 revelou uma unidade humana, expressa na frase do Secretário Geral das Nações Unidas, António Guterres: “We’re all in this together” (Nisto estamos todos juntos. ONU, abril 2020). De fato, tendo iniciada numa parte do globo terrestre, rapidamente se alastrou por quase todos os países. Contudo, uma olhada mais atenta, revelou, em primeiro lugar, que o vírus viajou de avião. Ora a maioria da população mundial não viaja de avião e, portanto, “nisto não estamos todos juntos” (cf. KUMAR; GAZTAMBIDE-FERNÁNDEZ, 2020). Contudo, logo se percebeu que as pessoas mais afetadas, eram justamente aquelas que não estiveram a bordo. Foram as pessoas mais pobres que primeiro perderam seu meio de subsistência, seu trabalho. Em seguida, apareceram como as mais expostas, as que não podiam isolar-se e nem tinham acesso aos recursos de higiene, sem água potável e sem saneamento básico, além de viverem em aglomerados e favelas. A pandemia desmascarou uma unidade desigual em que mesmo se todas as pessoas são afetadas, as consequências atingem de modo muito diferente ricos e pobres, nações politicamente saudáveis e nações entregues à arbitrariedade dos seus governantes. E quando esses fatores se somam, a diferença é ainda mais drástica. Por isso, o efeito na Índia e no Brasil, é ainda pior do que na Itália e nos Estados Unidos.

Aquilo que já se sabia da situação da economia mundial, e que justamente antes da declaração de estado de pandemia, o Fórum Mundial de Davos em 2020 havia diagnosticado, foi confirmado pela tragédia global que se abate sobre o mundo atualmente. A Economia mundial e as políticas de concentração Econômico crescente de renda, aliadas à destruição do meio ambiente ameaçavam a saúde e o futuro da própria Economia (Cf. SCHWAB; MALLERET, 2020).

Ao interno dos países, apareceu de forma incontornável o tema das pessoas, frequentemente esquecidas ou silenciosamente guardadas em seus asilos ou residências. Muito cedo os idosos foram identificados como grupo especialmente vulnerável e carente de uma atenção especial. A seu lado, as pessoas pobres, assomaram à cena, para surpresa até mesmo dos governos, saindo aos milhões de seu

anonimato, sem conta bancária, sem registro e sem significação econômica. No caso brasileiro, a secular desigualdade gritante entre ricos, muito ricos e pobres muito pobres, abaixo de qualquer condição de vida digna, foi para o meio das estatísticas e invadiu as fileiras dos bancos.

Apesar de tudo isso, é inegável uma certa universalidade revelada na Pandemia (cf. ALIMI et al., 2020, p. 352–354). É uma universalidade desigual, mas real. Em primeiro lugar, exigiu uma reação mundial e afetou as relações internacionais e comerciais, mostrando haver uma certa realidade comum que pode até promover desigualdades ainda maiores, mas evidencia uma interdependência real. As vítimas pobres e as mais vulneráveis podem, no mínimo, colocar em risco a estabilidade e a segurança dos grupos mais protegidos. Em segundo lugar, é uma certa universalidade na medida em que mostrou a interdependência entre os povos: a distância física não necessariamente implica em separação. Para contagiar alguém numa outra parte do planeta, bastam poucos contatos, e às vezes uma passagem por um lugar ou uma simples reunião. Em terceiro lugar, a superação de uma pandemia exige esforços conjugados e cooperação global. Quanto maior for a colaboração, quanto mais intensivas forem as trocas de informações e a disposição de investimentos, maiores serão as chances de uma resposta rápida e eficaz.

## **2 A compaixão e empatia**

A experiência geral de sofrimento, uma vez superado o estágio de cinismo, frequentemente manifesto no desprezo e na minimização do risco real da pandemia, foi capaz de despertar autênticos movimentos de compaixão e empatia. Verificaram-se iniciativas de ajuda alimentar e apoio a quem perdeu a condição de trabalho, além de atitudes de socorro a quem precisava atendimento médico. O tema da compaixão e da misericórdia, já presente em vários ambientes de pensamento, não por último na Teologia, foi potenciado com sua urgência diante das rápidas mudanças a que a sociedade foi obrigada. As religiões e instituições sociais aprofundaram suas pesquisas e ações, mobilizando pessoas e grupos, mostrando a imanência da transcendência, ou melhor mostrando a transcendência do clamor e da dor que brota da vida ferida e ameaçada. O cinismo dos vendilhões religiosos não se fez esperar e apareceu como o contraste do serviço autenticamente humanitário.

Essa experiência profundamente humana e ao mesmo tempo cósmica abre espaço a um repensamento do divino. Enquanto na banalidade do dia a dia, a transcendência, sob o nome comum de um deus singularizado e transformado em substantivo próprio, esconde um álibi religioso, o impacto da pandemia coloca uma cunha na tranquilidade pachorrenta da idolatria arrancando-lhe a cumplicidade com a morte e a destruição. A humanidade é confrontada com a escolha entre uma divindade assassina e sanguinária, e o mistério realmente vivificador e cuidador, mesmo no anonimato e no agnosticismo: não quem diz ‘senhor, senhor’, mas aquele que ouve a palavra de Deus e a põe em prática está no Reino de Deus (cf. Mt 7,21).

De acordo com a tradição judaico-cristã o deus vitorioso e soberano, ídolo dos grandes e poderosos, cede lugar ao Crucificado e Desprezado. Na bela imagem do pensador judeu Hans Jonas, o transcendente se colocou a caminho da alteridade radical, sem saber como voltaria:

No início, por razões desconhecidas, o fundamento do ser, ou o Divino, optou por se entregar ao acaso, ao risco e à infinita variedade de vir a ser. E totalmente entrando na aventura do espaço e do tempo, a divindade não reteve nada de si mesma: nenhuma parte inacessível ou intacta permaneceu para dirigir, corrigir, e, em última instância garantir a elaboração tortuosa de seu destino na criação [...]. Antes, para que o mundo pudesse ser, e ser por si mesmo, Deus renunciou ao seu próprio ser, despojando-se de sua divindade – para recebê-la de volta da Odisseia do tempo, carregada com a colheita fortuita da experiência temporal imprevisível: transfigurado, ou possivelmente até desfigurado por ela (JONAS, 1962, p. 14)

As linhas reproduzidas do longo texto de Hans Jonas – por ele apresentado como um mito para ilustrar sua descrição da imortalidade – tem uma impressionante afinidade com o pensamento cristão do Messias crucificado, assim como é apresentado no Novo Testamento e por Paulo, em diversas passagens. A título de exemplo, sirva a passagem a seguir, da carta aos Filipenses:

Jesus Cristo, existindo em condição divina, não fez do ser igual a Deus uma usurpação, mas ele esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e tornando-se igual aos homens. Encontrado com aspecto humano, humilhou -se a si mesmo, fazendo-se obediente até a morte, e morte de cruz (Fil 3,6-8).

Os dois textos apontam na mesma direção: o Mistério da Transcendência não se encontra acima, numa esfera superior e extra-humana, mas está na profundidade escondida e insuspeita da realidade desprezada e descartada. O que a pandemia desmascara é justamente essa fragilidade e vulnerabilidade da transcendência que está em meio à doença, à incerteza, à angústia da falta de ar e de respiradores, exposta à veleidade arbitrária de políticos, de empresários, líderes religiosos e mercadores de saúde e subserviência. O destino dos profetas no Antigo Testamento e destino de Jesus de Nazaré no Novo Testamento, mostram a crítica intrínseca da tradição judaico-cristã aos deuses fáceis e prepotentes. Revelam uma descida para o meio do povo escravizado no Egito, a condenação radical da usurpação do poder na monarquia de Israel, ocupada no culto centrado no Templo e nos sacrifícios abandonando os pobres, os órfãos, as viúvas, os doentes e os estrangeiros. Em Jesus de Nazaré, a presença transcendente aparece na condenação por parte do Império Romano e na sua morte de cruz, a pior das penas previstas no direito romano, e executado por um representante desse mesmo Império, o governador da Palestina à época.

Para o imaginário religioso, a doença, a morte, o infortúnio sempre representam um desafio, enquanto a saúde, a vitória e a riqueza geralmente são vistas como confirmação de bênção. De fato, porém, a narrativa profunda de muitos textos religiosos e da tradição judaico-cristão em particular, encontram sua afinidade na esperança contra esperança, característica de Abraão e do Cristianismo na visão de Paulo (cf. Rm 4,18-25). Contudo, a esperança seria equivocada se quisesse aparecer como uma certeza de que tudo vai dar certo por si mesmo. Não, a esperança deve ser força motivadora para o engajamento (cf. ALIMI et al., 2020, p. 363–364). É o lugar para a radicalização do “princípio esperança” (Ernst Bloch).

Nos termos do teólogo luterano Dietrich Bonhöffer, preso e executado pelo regime Nazista, podem cantar os hinos cristãos (literalmente, Gregoriano) quem grita pelos judeus. E cristãs são aquelas pessoas que permanecem com Deus no sofrimento dele. Ou seja, a Transcendência se faz Imanência radical, e nessa imanência radical e absoluta é que se revela a verdadeira e inequívoca verdade divina, imune à falsificação e à manipulação. A religiosidade contaminada pelo sucesso e pelo poder outra coisa não é do que o autoendeusamento de seus porta-vozes, seja no exercício do poder político, econômico, científico e religioso, dentre outros.

Outro aspecto da recuperação dessa memória (perigosa), a que a Covid-19 obriga, é a dimensão da misericórdia-compaixão transcendente e religiosa. Ainda que presente em todo Antigo Testamento, na forma de “dor uterina”, e no Novo Testamento como compaixão e misericórdia personificadas em Jesus de Nazaré, ao longo da história do Cristianismo frequentemente ficou reduzida a ações isoladas, na forma de “obras de misericórdia”. Como lembra Maria Clara Bingemer, num artigo publicado em abril, no *Jornal do Brasil*, a santidade proposta pelo Papa Francisco destaca (cf. *Gaudete et Exsultate* n. 101) especialmente a misericórdia com seu semelhante, com acento particular para as obras relativas à sua vida – dar de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede, vestir o nu (cf. Mt 25,31-46). Segundo a Autora, Francisco “quer deixar bem claro que sem a atenção às necessidades básicas e, portanto, corporais dos pobres e desvalidos da terra, não haverá santidade possível. Pelo menos o que se entende como santidade dentro do Cristianismo” (Bingemer, 2020). Ao contrário do que uma política utilitarista e depreciativa quereria propor, para a jornalista e teóloga “todas as vidas importam”, em especial aqui, as das pessoas idosas. No cuidado e proteção dessas vidas revela-se a transcendência condescendente da misericórdia compassiva do divino judaico-cristão. Do que precede é possível afirmar serem as vidas que menos contam, aquelas a partir das quais se mede a autenticidade de uma sociedade e de suas instituições.

### **3 A contradição com um Deus fácil**

A possibilidade racional de uma Transcendência personalizada, além de repto ao pensamento lógico, é também uma interrogação para os conceitos éticos do senso comum. Afirmar um Deus pessoal requer um salto, uma aventura, para fora de si mesmo, para longe das provas e das certezas controláveis e mensuráveis da razão humana. Além disso, com muita frequência, somam-se a esse obstáculo as perguntas associadas ao instinto ético. De que modo uma transcendência pode justificar-se diante do mal e da injustiça?

Na contramão desses questionamentos encontram-se os dogmatismos de uma religião e de uma divindade fácil, manipulável, negociável, sempre de plantão, por um lado, para socorrer magicamente as insuficiências humanas e naturais, e, por outro, para punir e destruir quem lhe seja desagradável ou adverso. Pretensa vinculação entre

forças demoníacas ou impiedade religiosa, como se viram no Brasil e em outros lugares, são atavismos resistentes de arquétipos religiosos acríticos ou maldosos. Apelos a jejum nacional como proposto pelo presidente dos Estados Unidos, bênção de grãos e águas, ou carreatas religiosas como apareceram em meios de comunicação religiosos no Brasil, mobilizam as forças mais arcaicas de uma religiosidade irrefletida, muitas vezes interesseira e ingênua. Ao promover tais manifestações religiosas, associadas a concepções correspondentes do divino mantém-se o princípio explicativo dos abismos da ignorância e da irresponsabilidade. Uma doença, um terremoto, a ruptura de uma barragem, a pobreza, o desemprego e a pandemia, assim como a chuva, a safra, a loteria, a saúde e a riqueza são, respectivamente, castigo e recompensa, maldição ou bênção da divindade. Esta equação simplista, encontra-se em todos os ambientes religiosos, os meios cristão e católico incluídos.

Sob esse pano de fundo, afirmar que “não se trata de um castigo de Deus” (Angelo Scola, Cardeal de Milão) parece estranho aos ouvidos religiosos habituais. De fato, qualquer situação favorável da existência, da atividade humana ou da natureza pode ser lida como ambiente no qual o mistério da transcendência pode ser vivido e compartilhado; de modo semelhante, contudo, a adversidade e o sofrimento de maneira igual devem ser percebidos como sendo lugar de presença do divino, sob a forma, não de punição, mas de solidariedade. Somente assim é possível imaginar uma coerência entre a afirmação do salto da fé, em direção ao imaginário *mais* e a contradição com a realidade *menos*. Teologicamente, o Divino que salva não é o que se projeta como o poder mágico “acima de tudo”, e sim o que entra no contágio da natureza e do humano, até ao extremo de morrer por causa disso.

Na prática, é essa a razão por que o Bispo de Roma vai à praça de São Pedro, em oração, sem ninguém. Em lugar da agitação das multidões entusiasmadas, o Mistério Divino se faz um grande silêncio e um grande vazio. É o mesmo silêncio das catedrais e templos mundo afora onde – excetuados alguns shoppings e boulevards religiosos – quase nada dos rituais habituais tem lugar. É o mesmo silêncio das universidades e muitas escolas, onde a única vibração da pesquisa e do estudo acontece em imperceptível circulação de bits e bytes; o mesmo silêncio dolorido das UTIs ritmado pelos respiradores e pelos eletrodos; o mesmo silêncio dos velórios e das exéquias sem público e sem cortejo. Em palavras de Naranjo Quintero “a experiência passada pelo próprio corpo converte-se no lugar predileto da fé e a possibilidade de encontrar

leituras de sentido, quando este parece ter-se ido” (NARANJO QUINTERO, 2020, p. 2).

A transcendência fácil e ruidosa despojou-se para dentro da angústia e da incerteza, da escassez de comida e dos restaurantes fechados. Parece que Deus foi embora. Na verdade, porém, mudou-se para onde não se esperava que pudesse estar. Sem rituais e sem sacrifícios, sem brilhos dourados e sem sacerdotes vistosos, agora mais do que nunca, só pode ser encontrado na solidão das avós e dos avós, nas vigílias do pessoal de saúde e até mesmo no frenesi dos laboratórios farmacêuticos e nas incontáveis reuniões de governantes humanitários.

## Conclusão

Conclusivamente pode dizer-se com Irene Oh que mesmo nas melhores circunstâncias nossa tarefa consiste em preparar as pessoas para o fato de que as “coisas terríveis que existem devem ser vistas como são para reconhecer o papel dos seres humanos em seu surgimento e inspirar e apoiar nossos filhos em sua formação moral” (In ALIMÍ et al., 2020, p. 375). Não se trata, portanto, de escamotear por um discurso teológico ou religioso barato a gravidade das perguntas e o compromisso de solidariedade inadiável, porque, em última instância diz respeito ao próprio Mistério Divino envolvido na catástrofe humana, e sim, participando do próprio sofrimento. A Transcendência divina judaico-cristã, e, em certo sentido ao menos, também a muçulmana, sofre com o sofrimento da natureza e do ser humano.

## Referências

ALIMI, T. et al. COVID-19 and Religious Ethics. **Journal of Religious Ethics**, v. 48, n. 3, p. 349–387, 2020.

ANGUITA, Verónica. Dilema de la última cama o búsqueda del bien común. Disponível em: <https://www.latercera.com/opinion/noticia/dilema-de-la-ultima-cama-o-busqueda-del-bien-comun/HBBB7NXLMJCH3JI7E45NVGC4R4/> Acesso em 10/12/2020

BINGEMER M. Clara. Todas as vidas valem, *Jornal do Brasil*, 23.04.2020. Disponível em: <https://www.jb.com.br/pais/artigo/2020/04/1023430-todas-as-vidas-valem.html> Acesso em: 10.12.2020

FRANCISCO. Papa. **Gaudete et exsultate**. Disponível em [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20180319\\_gaudete-et-exsultate.pdf](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.pdf) Acesso em 10.12.2020.

JONAS, H. Immortality and The Modern Temper: The Ingersoll Lecture, 1961. **Harvard Theological Review**, v. 55, n. 1, p. 1–20, 1962.

KUMAR, S.; GAZTAMBIDE-FERNÁNDEZ, R. Are we all in this together? COVID-19, imperialism, and the politics of belonging. **Curriculum Inquiry**, v. 50, n. 3, p. 195–204, 26 maio 2020.

NARANJO QUINTERO, Verónica. **Rito religioso y COVID-19** . Disponível em: <https://catholicethics.com/wp-content/uploads/2020/06/Rito-religioso-y-COVID.pdf> Acesso em 10.12.2020.

MANDRY, Christof. Lernen aus der Corona-Krise. Triage, Ethik und politische Theologie. **Feinschwarz.net**, 19 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.feinschwarz.net/corona-krise-triage-ethik-politik/>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

SCHWAB, K.; MALLERET, T. **COVID-19: the great reset**. [s.l.: s.n.].

ONU, April 2020. **COVID-19 and Human Rights**. We are all in this together. Disponível em: [https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un\\_policy\\_brief\\_on\\_human\\_rights\\_and\\_covid\\_23\\_april\\_2020.pdf](https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un_policy_brief_on_human_rights_and_covid_23_april_2020.pdf) Acesso em 11/12/2020.